

Coleção LITERATURA E TEORIA LITERÁRIA  
vol. 37

Direção de  
Antonio Callado  
Antonio Candido

Ficha catalográfica

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S428s  
Schwarz, Roberto.  
A Sereia e o desconfiado / Roberto Schwarz. -- 2 ed. --

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.  
(Coleção Literatura e teoria literária; v. 37)

I. Ensaaios brasileiros I. Título II. Série

79-0603  
CDD - 869.94  
CDU - 869.0(81)-4

EDITORA PAZ E TERRA

*Conselho Editorial:*

Antonio Candido

Celso Furtado

Fernando Gasparian

Fernando Henrique Cardoso

Roberto Schwarz

## SEREIA E O DESCONFIADO

Ensaaios críticos

2ª edição



Paz e Terra



## DINHEIRO, MEMÓRIA, BELEZA (O PAI GORIOT)

A IRVING WOHLPARTH

“Quando reduzida ao ato sensual mais simples — na prostituição — a relação entre os sexos limita-se ao que tem de mais genérico, ao que todo exemplar da espécie é capaz de sentir e fazer; nela as personalidades mais opostas se encontram, enquanto as diferenças individuais desaparecem. Em Economia, o correspondente dessa espécie de relação é o dinheiro, o tipo genérico dos valores econômicos, pois também ele não se ocupa com determinações individuais, mas antes visa o que é comum a todos os valores. Por essa razão experimentamos na sua natureza algo da natureza da prostituição. A indiferença com que se presta a tudo, a ligeireza com que se desprende das pessoas, pois não se liga verdadeiramente a nenhuma, a eficácia que tem por ser puro meio, que exclui qualquer vínculo afetivo — tudo impõe essa sua analogia sinistra com a prostituição”.

G. SIMMEL, *A Filosofia do Dinheiro*

**D**INHEIRO e prostituição coincidem na equivalência geral que estabelecem. Tudo vale tudo, tanto faz um como o outro, e todos valem todos. Não obstante, é preciso distinguir: a equivalência universal é conquistada pelo dinheiro, mas é sofrida pelos homens, que prostituem suas inclinações por várias

formas, dentre as quais a física é a mais crassa. A semelhança das estruturas deve-se à proveniência comum, são faces de um processo: um desenvolvimento doloroso, ao fim do qual a equivalência universal se impõe à custa de modos autônomos de agir e sentir, que pareciam ter o seu valor em seu próprio exercício. Valores autônomos, entretanto, não são trocados por quem os julga autônomos e por isso introcáveis. Esse paradoxo, diariamente proposto pelo dinheiro, é inteligível apenas sobre um fundo de violência, que *ensine* a troca do que subteivamente não se equivale. Os gigantesco processos de rapina e paralela acumulação de bens, que pela fome simples impuseram e deram generalidade social à condição de mercadoria do trabalho humano — “os homens só podem tornar-se vendedores de si mesmos depois de roubados em todos os seus meios de produção e em todas as garantias de existência dadas nas velhas instituições feudais” — são descritos minuciosamente nos textos clássicos sobre a acumulação primitiva do capital. Um exemplo simples: “No ano de 1925, 15 000 galases (habitantes de um condado que modernizava a sua economia) foram substituídos por 131 000 carneiros”. Os carneiros entram e os camponeses saem. A terra fica para pastagem, e os homens, na cidade e sem meios, ensinados pela necessidade, aprendem a equivalência pensosa de quaisquer esforços que tragam dinheiro. Uma vez legalizada, com nome de ordem social, a violência se repete através de inumeráveis perfis apenas parciais: a *corringência* cotidiana de atender à solicitação caótica do mercado evoca a grande expropriação originária, que é o seu fundamento. Mesmo para os nossos dias seria falso pensar a equivalência ou indiferença universal como simplesmente dada; ela se afirma dia a dia, através de necessidade e pressão, — embora já com mais facilidade, pois o exemplo está dado e propagado, e selado na salário: o assalariado é que *escolhe* a sua própria violação. A dor concreta desse processo, num tempo em que a sua violência campeava aberta, é o tema central de *O Pai Goriot*.<sup>24</sup>

A unidade fisionômica de *O Pai Goriot* é notável. Deve-se ao papel unificador do dinheiro, que está presente em toda a parte. Se fôssemos dar conta minuciosa dessa função, seria preciso transcrever o livro inteiro, inclusas as passagens de que está ausente, pois é nelas que se encontra a sua presença mais insidiosa. Referência absoluta de tudo o que acontece, o di-

<sup>24</sup> Cf. o excelente ensaio de G. Lukács sobre *Ilustres Perdidas* in *Balzac und der Französische Realismus* (Aufbau, Berlin, 1952).

nheiro deixa de ser um assunto entre outros. A sua *propriedade* de medir qualidades humanas numa escala quantitativa, tornando-as intercambiáveis e mercáveis, dita a forma interna do romance. A transformação de qualidades pessoais em mercadoria é o movimento geral do livro. Embora questione a noção de individualidade na raiz — existirá o que se salva da simples equivalência? — foi o dinheiro quem a criou, ao quebrar a identidade pré-capitalista de pessoa e posição social. Há um só-pro de liberdade no poder que o dinheiro tem de transportar barreiras tradicionais, de recompor o mundo segundo desígnios pessoais. Mas há, também, o esvaziamento fatal desses mesmos desígnios, que serão mercáveis por sua vez, por isso mesmo indiferentes, mensuráveis em última análise somente pela quantidade de dinheiro que absorveram e devolverão. Daí o movimento que encontramos a cada página do romance: a mobilização da esperança, seguida pela certeza de que ela é vã. “O romance de Balzac alimenta-se da tensão entre as paixões humanas e uma disposição do mundo que tende a não tolerá-las mais, a considerá-las como obstáculo à circulação social ordenada. Submetida a proibições e recusas, então como agora, a paixão exaspera-se até a mania”.<sup>25</sup> Se as forças socializadoras requerem equivalência e indiferença, fazem que pareça e se torne aberrante a fixação individual. Este o quadro em que se move *O Pai Goriot*. A infiltração de domínios autônomos pelo dinheiro é o curso do livro.

★

*Paris Mesquinha*. — “... vale cheio de sofrimentos: reais, de alegrias muitas vezes falsas, e tão terrivelmente agitado que somente um acontecimento extraordinário é capaz de causar ali uma sensação um pouco duradoura. Encontram-se nêle, porém, aqui e ali, dores que a aglomeração dos vícios e das virtudes torna grandes e solenes: diante delas, os egoísmos e os interesses se detêm e compadecem; mas, à impressão que delas recebem é como um fruto saboroso, imediatamente devorado. O carro da civilização, semelhante ao do ídolo de Juggernaut, retardado apenas por um coração menos fácil de triturar que os outros e que lhe calça a roda, rapidamente o despedaça e continua a sua marcha gloriosa. Assim fareis vós, que, com este

<sup>25</sup> Th. W. Adorno, “Balzac Lektüre” in *Noten zur Literatur II* (Suhrkamp, Frankfurt a.M., 1961, pág. 27). Devo muito ao espírito deste ensaio, divida que não cabe em citações.

livro nas mãos alvas, mergulhais numa poltrona macia, pensando: "talvez isto me divirta". Após terdes lido os secretos infortúnios do pai Goriot, jantareis com apetite, levando a vossa insensibilidade à conta do autor, taxando-o de exagero, acusando-o de poesia".<sup>28</sup> A vida está desgastada. Nem as dores sentem-se mais. O torvelinho não é vivo, como nas cenas populares de Shakespeare, mas embotado. *Agitação e monotonia* fazem o par paradoxal que caracteriza a vida na cidade grande, e que é preciso compreender.

"Os egoísmos e os interesses" produzem uma população tão agitada como desatenta, alertável somente por choques. Entretanto, "dores que a aglomeração dos vícios e das virtudes torna grandes e solenes" prendem a atenção do formigueiro. Por quê? por formarem uma "coração menos fácil de triburar", impedindo, assim, a "marcha gloriosa" do "carro da civilização"; questionam, por um instante, a regularidade anônima da metrópole. *Consistência* a fidelidade a um vício ou a uma virtude, a *identidade do Eu* — todos são nomes do mesmo inimigo da ordem. Se a "civilização", pois, é entravada pela "consistência", qual o seu sentido? Representa um modo de organização no qual o Eu é funcional somente quando quebrado. O texto é paradoxal: os egoísmos e interesses que, à primeira vista, parecem alinhar-se com a unidade da pessoa, contrapõem-se a ela, alinhando com a "civilização"; um egoísmo que não visa a identidade do Eu. Contra-senso? Não, pois existe uma forma de consistência, a de que Balzac trata, que se afirma pela destruição das mais: o interesse pelo dinheiro. Para ser consistente em coisas de dinheiro é preciso ser inconsistente nas outras, conforme a conveniência financeira dite. Os elementos duráveis e concretos de que se compõe a unidade da pessoa — preferências, fixações, maneiras — são *avaliados*, tornados equivalentes na busca do dinheiro. A inconsistência é a consistência nessa *civilização*, cuja consistência, por sua vez, está na inconsistência de seus membros. Uma resistência qualquer ao sistema de equivalência geral será a prova: a destruição da vontade individual restabelece o bom funcionamento da civilização, podendo-lhe à mostra, no mesmo passo, a natureza multilateral. A presença do dinheiro politiza a vida interior: será a referência detestada, respeitada ou omitida — mas visível para terceiros — de todas as decisões, que assim se tornam *exemplares*. Por essa

razão, quando os "egoísmos e interesses se detêm e compadecem" defronte às "dores grandes e solenes", terão um trejeito de superioridade, *mas também de fascinação*: superioridade, por saberem-se do lado mais forte, já que a consistência individual é vã e não se impõe; e fascinação, por ser na presença da integridade que a falta dela dói mais.

Enquanto dura, a fidelidade à fixação individual questiona a base do sistema. Daí o seu interesse *escandaloso*, semelhante ao que despertam o crime passionai e as perversões: faz sentir ao passante anônimo a anemia de suas razões, e faz pressentir o que seria da vida se levada a sério; seu mau-gosto e caráter excessivo insinuam, pela simpatia paradoxal que despertam, a miragem de uma ordem que não se efetive através do sacrifício dos anseios individuais. O conflito entre paixão e equivalência geral é a hora da verdade em *O Pai Goriot*; encarna, monumentalizada, a contradição de todas as personagens, que lhe dão atenção pois nele se reconhecem. Essa verdade, entretanto, "é como um fruto saboroso, imediatamente devorado", não é mais que uma sensação. Balzac está formulando a teoria da arte mal-dita. O cidadão, desgastado e apatizado pelo dia-a-dia, experimenta com prazer insólito a violência da verdade que lhe diz respeito. Se o "carro da civilização" é invencível, não há consequência prática em resistir, embora a resistência recapture, para o espectador, a ferocidade do sistema. A evocação da verdade inadmissível torna-se *ato estético*, frisson em lugar de dificuldade social. Esse arrepiio, simpatia abstrusa mas absorvente pela destruição, supõe a comunidade nos laços inconfessáveis e inconfessados — "*Hypocrite lecteur, mon semblable, — mon frère!*" — que a corrida dos interesses criou. "Assim fareis vós, que, com este livro nas mãos alvas, mergulhais numa poltrona macia, pensando: 'talvez isso me divirta'. Após terdes lido os secretos infortúnios do pai Goriot, jantareis com apetite, levando a vossa insensibilidade à conta do autor, taxando-o de exagero, acusando-o de poesia."

A submissão dos menores detalhes da vida ao propósito interesseiro, essa universalização da má-té que só o dinheiro — pela circulação forçada que tem — saberia efetuar, pode ser acompanhada com minúcia na famosa descrição da pensão Vauquer. Impressionado com a unidade atmosférica desta passagem, com a correspondência entre a vida interior das personagens e o aspecto objetivo de seu ambiente, Auerbach escreve o seguinte: "Essa harmonia é sugerida fortemente pelo desgastado, pelo encardido, sujo e quente, pelo sexualmente repulsivo

<sup>28</sup> Cf. *O Pai Goriot*, no vol. IV de *A Comédia Humana*, Ed. Globo, págs. 15-16.

de seu corpo e de suas roupas (de Mme. Vaquer) — tudo isto afinado com a atmosfera ambiente, que ela respira sem náusea.”<sup>27</sup> Se confrontarmos essa descrição com a nossa experiência do texto, sentiremos a falta de um adjetivo-chave, que tornaria concreta a caracterização. O acôrdo de sujeira e miséria, dentro e fora das pessoas, poderia muito bem ser medieval; a Pensão Vaquer, entretanto, é impensável na Idade Média. O adjetivo em falta é *barato*. A mesquinhez calculada, a mercadoria poída, essa é a marca de unidade da atmosfera, a sua fitonomia histórica: só pode ser pequeno-burguesa, é inconcebível fora do capitalismo.

O dinheiro infiltra a percepção, o preço é como que uma qualidade do objeto percebido; as pessoas parecem *escudos descumbados* (*écus demonstés*). O denominador comum das míserias variadas que encontramos na pensão é a expectativa de alguma soma que lhes venha remendar o destino. Este é o traço que distingue a pensão de um quadro medieval: o acanhamento e a escassez não são mais da condição humana; poderiam ser removidos com dinheiro *existente* — embora à custa do próximo. A pobreza adquire, pois, algo de desprezível, de incompetência e derrota, denota falta de esperteza. Definida assim sorridamente, como inabilidade pessoal, como *ofensa*, a pobreza precisa ser respondida em termos de sucesso também pessoal. Não há camaradagem possível quando êxito e consumo de um são a fome e o fracasso de outro; para enganarem-se tornam-se estranhos entre si, embora tenham em comum a condição fundamental. (Estas pessoas) “têmham, umas pelas outras, uma diferença misturada com desconfiança, que resultava de suas respectivas situações.”<sup>28</sup> Perseguem tôdas o interesse pessoal, donde a sua *individualidade* ser universal e rigorosamente homogênea. Essa hostilidade uniforme é o segredo comum; todos têm parte nela e sabem dela, embora afetando isenção. Tornam-se amigos para melhor se usarem, — à parte enganada fica o privilégio do desencanto moral. A precedência absoluta do interesse econômico esvazia as demais relações sociais e as transforma em fachada: “Comparado a Goriot, Poiret era uma água, um cavalleiro. Poiret falava, argumentava, respondia; é verdade que nada dizia ao falar, argumentar e responder, pois tinha o hábito de repetir em termos diferentes o que os outros

diziam; mesmo assim, porém, contribuía para a palestra, era ativo, parecia sensível; ao passo que o pai Goriot — dizia ainda o funcionário do Museu — estava constantemente a zero Réaumur.”<sup>29</sup> Na Paris mesquinha, todos os episódios são um só. Cupidez, a mais impessoal das paixões, tornou-se a regra do comportamento pessoal. O mesmo processo repete-se nas esferas mais altas da sociedade, embora em versão mais temporosa.

★

*A alta sociedade.* — Eugène de Rastignac, voltando de seu primeiro grande baile, descreve a Condessa Anastasie de Restaud ao pai Goriot: “Ah! sim, ela estava furiosamente bela, contou Eugène, a quem o pai Goriot fitava avidamente. Se a sra. de Beauséant não estivesse presente, a minha divina condessa teria sido a rainha do baile; os jovens tinham olhos somente para ela, fui o décimo-segundo inscrito em sua lista, ela dançava tôdas as contradanças. As outras mulheres enraiveciam. Se alguma criatura estava feliz, com certeza era ela. Há boa razão em dizer que nada é mais belo do que fragata à vela, cavalo a galope e mulher que dança!”<sup>30</sup>

A beleza pode ser furiosa somente quando é experimentada com agressão; ela agride, aqui, por exclusão. É furiosa porque se exhibe e nega a inúmeros olhares possessivos, alimentando, através da rivalidade cortês, o ressentimento social. Em presença da mais descujada, a falta de dinheiro, como de outros privilégios, é sentida como agressão. Também entre as mulheres esta forma de beleza produz competição. Não estivesse presente a viscondessa de Beauséant, Anastasie seria a mais bela. A noção de hierarquia, embora sugerida apenas, transparece e faz sensível o carreirismo da formosura. Anastasie está em caminho de ser rainha. Rastignac accentua que ela dançou tôdas as danças — não é preciso dizer que as outras mulheres tiveram menos sorte, mas inveja em compensação. Este nexo de exclusão — o sucesso pessoal é a derrota à roda — é a substância de sua felicidade: Anastasie é a mulher mais feliz da festa. Nesses termos é que tentaríamos fazer justiça à impressão extraordinária deixada pela última frase do parágrafo: “*On a bien raison de dire qu'il n'y a rien de plus beau que frégate à*

<sup>27</sup> Cf. a extraordinária análise dessa passagem in E. Auerbach, *Misérias* (A. Franke, Berna, 1946, pág. 416). Trata-se do capítulo No *Hotel de la Mole*.

<sup>28</sup> Cf. Balzac, op. cit., pág. 26.

<sup>29</sup> Cf. Balzac, op. cit., pág. 35.

<sup>30</sup> Balzac, op. cit., pág. 47.

la voile, cheval au galop et femme qui danse". A unidade dessas imagens é garantida por uma noção peculiar e surpreendente de perfeição: a mulher que dança é perfeita como se não tivesse alma, como se fosse movimento puro; identifica-se ao próprio corpo como um cavalo ao seu galope, como a vela à sua inclinação ao vento, e nada sabe, portanto, da mesquinha que é a regra no salão. Comparando marionetes e homens,<sup>31</sup> Kleist explica a graça maior dos primeiros pela ausência de interioridade; no boneco o espírito não diverge do corpo, o boneco é sem contradição. Em meio às mulheres invejosas, somente Anastase é perfeita e desalmada: a rainha não inveja ninguém, e não sofre, portanto, contradição entre o movimento externo e o sentimento interior. A ruptura entre interioridade e sorriso cortês, implícita na inveja das pretéritas, é um sinal de precariedade; mas a beleza aparece como a negação da precariedade, como unidade feliz das inclinações pessoais e de sua realização no mundo.

No contexto do romance, essa imagem ganha peso. Se lembrarmos as dificuldades que as mulheres vencem para vestir como se nunca houvessem visto dificuldade — por uma noite querem parecer livres e perfeitas — iremos localizar a substância de sua beleza na negação da duplicidade e da carência que perfazem a substância real da economia cotidiana, e assim ela mesma: Delphine de Nucingen, por exemplo, não chora para conservar o frescor. Os bailes — a ocasião da beleza — ritualizam essa ficção de abundância e liberdade; exibem-se diuturnos já empenhados, usam-se roupas que não há como pagar, o sofrimento afeta serenidade. Como anseio de felicidade e negação da angústia que corre o livro, a fragata e o cavalo galopante são imagens utópicas. Mas são também muito grosseiras. Pertencem claramente ao catálogo masculino das imagens aventurosas; a sua pura exterioridade degrada a mulher e não lhe reconhece autonomia, confirmando a irresponsabilidade que é a sua graça (embora cause aborrecimento, o capricho atraí, pois afeta a inexistência do nexo econômico que oprime a todos). E o principal: são objetos para domar, para a exaltação pessoal de quem os comanda. No contexto de usurários e mentiras de *O Pai Goriot*, o conteúdo da beleza é ambíguo: aglutina e conserva, inextricavelmente misturadas, a negação utópica da ordem

mulhadora — ser livre, sem dívidas e sem consciência como um cavalo — e sua confirmação brutal: no belo, o privilégio do mais forte é consagrado — a aparência de integridade é acessível somente ao mulhador — e a violência que este exerce passa a chamar-se estilo.

A beleza, como a descrevemos, é feminina e apela para o senso masculino de propriedade. Exibe-se aos presentes, mas destina-se a um só. Como a mercadora, que põe gula no olhar de todos mas responde somente à maior oferta, ela alimenta o seu brilho no desejo à volta. Mas há, no livro, uma exceção evidente: a viscondessa de Beauséant. Sua beleza e presença são de nobreza intocável. A maneira pela qual esta diferença é transmitida ao leitor é extraordinária, e confirma os nossos argumentos anteriores.

Mme. de Beauséant é imensamente rica; isso faz possíveis a integridade e a conduta desinteressada — para mulheres, que não lidam com negócios nem buscam aumentar a sua fortuna. O não lidam com negócios nem buscam aumentar a sua fortuna. O não lidam com negócios nem buscam aumentar a sua fortuna. O caráter imperioso da viscondessa aparece: "A sra. de Beauséant levantou-se, chamou-o para junto de si, sem prestar a menor atenção a Eugène, que de pé, aturdido pelas cintilações duma riqueza maravilhosa, acreditava na veracidade dos contos árabs e não sabia onde se meter, ao sentir-se em presença daquela mulher sem ser notado por ela. A viscondessa levantara o índice da mão direita e, com um movimento gracioso, designava ao marquês um lugar diante dela. Havia nesse gesto um despotismo de paixão tão violento, que o marquês soltou o trinco da porta e se aproximou. Eugène contemplava-o com inveja."<sup>32</sup> O gesto é forte em si mesmo. Mais ainda em presença de um estranho, pois implica então a coragem dos primeiros atos, a precedência e veracidade da paixão. A sua autonomia impõe mais que atraí admiração. Contrasta com a beleza mercadora que descrevemos antes, a qual não tem substância própria e não pode negligenciar os olhares através de cuja fonte existe. São várias as cenas em que a realidade dos sentimentos da viscondessa faz com que ela despreste as regras da polidez, cujo desrespeito pela realidade dos sentimentos fica assim demonstrado. A sua atitude em face das convenções é resumida no final do livro, onde fica dito que "dominou até o fim a sociedade, cujas vaidades aceitara apenas para fazer que servissem

31 H. VON KLEIST — *O teatro de Marionetes*. (Os Caderinos de Cultura, n.º 9).

32 Balzac, op. cit., pág. 65.

ao triunfo de sua paixão".<sup>33</sup> Existiriam, pois, duas espécies de beleza, ambas definidas pela relação com a vida interessada: a beleza para exibição, que afeta desprezar o rumor público para melhor prender a sua atenção — confirmando assim a dependência que parecia negar — e a beleza autônoma, que não se trai por amor da cotação social, contra a qual polemiza já pela simples existência.

O par em grandeza de Mme. Beauséant é o criminoso Vautrin, que tem a coragem constante das suas convicções e atitudes, independência que é simbolizada em seu homossexualismo. "Quando a presença do mercado se faz irresistível, Balzac pressente a imagem menos mutilada do amor no amor desprezado e sem esperança."<sup>34</sup>

Mme. de Beauséant e Vautrin são exceções. Ela é rica e dispõe-se a deixar o mundo se desapontada; ele está fora da lei. Os dois podem furtar-se às regras da vida parisiense. As outras figuras, entretanto, da baixa como da alta sociedade, levam a vida como a descrevemos. Vale o que vale à sua ascensão. A constância do blefe pessoal é o aspecto psicológico da vida no mercado. Nesse contexto, a perspicácia será usada como prioridade privada, com propósito particularista, e toma feição agressiva. Entrando na casa de Beauséant, Rastignac evoca o luxo menos caro e mais vulgar da casa de Restaud. "Sua imaginação, transportada às altas regiões da sociedade parisiense, inspirou a seu coração mil pensamentos perversos, alargando-lhe o cérebro e a consciência."<sup>35</sup> A articulação negativa de cabeça e coração — o progresso de uma é a minguada do outro — corresponde à existência em regime de mercado: é preciso depreciar o que se vai comprar. O ideal é formulado por Vautrin. "... jogar na bolsa conhecendo as novas". O conhecimento, em sociedade antagonística, é meio de destruição.

★

*Eugène de Rastignac.* — A sua educação sentimental, o seu trajeto da província à alta sociedade parisiense, passando pela baixa, animam e dão vida detalhada aos conflitos que viemos esboçando de maneira mais ou menos abstrata. Na província

<sup>33</sup> Balzac, op. cit., pág. 206.

<sup>34</sup> Adorno, op. cit., pág. 23. A tradução está bastante livre; de outro modo não seria inteligível fora de contexto.

<sup>35</sup> Balzac, op. cit., pág. 74.

tinha pais, irmãos e irmãs, uma tia. Pelas cartas que recebe vemos quanto era mimado. Agora em Paris, não há quem se ocupe dele, — Rastignac é um dos vários desconhecidos que pagam mensalidade para comer e dormir na pensão Vauquer. Dentre as suas atividades, o pagamento do aluguel é a única indispensável; tudo o mais poderia modificar-se ou desaparecer, sem que à volta alguém se incomodasse. Rastignac pertence, pois, a dois mundos: um provinciano, de sua família e de seu passado, responsável pelos seus traços concretos e interessado neles, e outro metropolitano, em que Eugène é anônimo, um consumidor a mais. A diferença entre os dois ressalta quando examinamos o significado que atribuem ao dinheiro.

Atendendo ao pedido de seu mano Eugène, Laure manda as suas economias, precedidas por uma carta em que narra as circunstâncias todas do empreendimento: a participação de sua irmã Agathe, colaboradora e contribuinte, a maneira pela qual esconderam a remessa aos pais, e as bobagens em que teriam gasto o dinheiro, não fosse a superior destinação que Eugène agora lhe daria. Também a mãe atende ao pedido de Eugène, e também ela lembra em detalhe os sacrifícios encarnados nos 1 200 francos mandados. Noutras palavras, na província o dinheiro é visto como cristalização de esforço pessoal, toda soma tem a sua história. Uma transferência financeira pode ser ainda questão de amor, pois economizado ao longo dos anos o dinheiro encarna memórias. Se mudamos agora para os lugares em que Eugène irá gastá-lo, notaremos a diferença; somente aqui, na anonimidade de Paris, assumirá a sua função real. Não se pergunta donde vem, nem se Rastignac tem condições para gastar em roupas novas. Não tem memória, nem cheiro segundo Marx. É o mesmo, economizado, ganhado e ganho. Embora comovido pelas cartas familiares, e reconhecendo ainda o esforço pessoal por detrás da soma, Eugène começa a utilizá-la; aluga um coche e compra luvas amarelas. Efetua-se a troca, a equivalência do que é mais dispar: a dedicação da irmã pelo serviço anônimo do cocheiro. É previsível, desde já, o momento em que a história do dinheiro, incommensurável com a prática do consumo, será considerada um detalhe desnecessário e incômodo. De indifferente à memória, o dinheiro passa a seu inimigo.

"Ser jovem, ter sede do mundo, ter fome de uma mulher e ver abrirem-se as portas de duas mansões!"<sup>36</sup> Convidado nas casas de Beauséant e de Restaud, apaixonado pela condessa

<sup>36</sup> Cf. Balzac, op. cit., pág. 39.

Anastase com quem dançara por duas vezes, Rastignac deixa a imaginação escapar ao quarto pobre de estudante de direito. "Com tais pensamentos e diante dessa mulher que se erguia subtilme ao pé dum fogareiro, entre o Código e a miséria, quem não teria sondado o futuro pela meditação, quem não o povoaria de sucesso?"<sup>37</sup> O êxito social é imensamente desejável, mais ainda para quem vive na pensão Vauquer. Por ora é apenas imaginário; a prática em que implica não se evidenciou, de modo que a sua aura permanece intacta. Ter séde do mundo e fome duma mulher são já palavras de arquivista; aplicadas a Eugène, entretanto, que ainda é ingênuo, sugerem o anseio juvenil de distinção, em contraste comvente com a brutalidade que lhes é própria e que irá realizar em detalhe somente no dia-a-dia do arrivismo, à medida mesmo em que as duas manções forem abrindo as suas portas. A mescla de esperança e fatalidade real parece; a fluidez social que torna viáveis os sonhos de ascensão e conquista se baseia no dinheiro, que a despojará das dimensões que faziam a substância do sonho. Sugerida mas ausente, a vida orientada pelo que é necessário e possível ao indivíduo, pelas suas inclinações concretas, é o horizonte que faz dolorosa a vida real, pois esta acabará resumida na defesa feroz mas impessoal e automutiladora de posições, de posses.

Laure, na sua cartinha extraordinária, descreve a rotina familiar em termos estatis. Grandes conjecturas ocupam os espíritos no Estado de Rastignac. O bordado das infantas, destinado a Sua Majestade a Rainha, avança no mais profundo segredo. Os baús são tesouros e empurrar-se de geleia é um hábito funesto dos jovens príncipes Henri e Gabriel. Como hoje é rainha, a mãe será bruxa amanhã, caso Laure esteja de mau humor. Os títulos de nobreza exprimem e matizam, aqui, o fluxo concreto das relações entre pessoas concretas; não encobrem privilégios materiais, cuja defesa e até mereo usufruto brutaliza, pelo exercício, o brutalizador. Macaqueando a hierarquia social sem conhecer os mecanismos de violência, Laure constrói uma pequena utopia, que deve a sua radiação feliz à suspensão dos nexos de força na ordem real, onde ser príncipe é menos ser o primeiro do que excluir os demais. O gosto cândido pela distinção pessoal e pelas honrarias sociais, o único a levá-las a sério, desmascara as honrarias que não são honrarias; e embora descabido de fato, é mais cabível que o fato, pois tem sentido. Explica ainda a qualidade mais admirável da carta, a genero-

37 Cf. BALZAC, op. cit., págs. 39-40.

sidade de Laure, que não é abdicção. Ela tem interesse pelas experiências de Eugène. Orgulha-se do que êle faça, — cada cousadia é experimentada como nova possibilidade também para ela, ainda que por ora em fantasia apenas. Daí a curiosidade ardente. Há uma espécie de delegação da experiência imediata; a dele enriquece a dela. A aventura individual tem valor exemplar, vale para Laure e idealmente para o coletivo. Esta contunidade entre a experiência de um e a de todos, sem a qual generosidade constante não é praticável, é possível somente enquanto o eixo do convívio não for o antagonismo dos interesses materiais. Para Eugène estes já começam a dominar: *exclusividade* passa a ser a medida de tudo. Aparece a concepção *agutivativa* da experiência, que tem gosto só pelo que é seu, e indifferença ou inveja para o mais.

Contando as peripécias da remessa, Laure fala no seu "glorioso dinheiro". Mesmo irônico, o adjetivo sugere a adesão afetiva da moça às pequenas economias, os sonhos que se tinham ligado a elas, e a importância que lhes adveio da súbita necessidade do irmão. Laure acha glorioso o seu dinheiroinho, e até se poderia dizer que gosta dele; mas não faz conta de dá-lo. Eugène, pelo contrário, faz questão absoluta de recebê-lo, embora não o possa achar glorioso. Laure é desinteressada; *esse desinteresse é a condição de seu interesse concreto pelo mundo*. A sua vida imaginária e desinteressada é mais concreta que a real e interessada de Eugène, cujo interesse mesmo o leva à vida absoluta, i. é: ordenada sem consideração por suas inclinações individuais. Na situação que descrevemos, plenitude e experiência concreta alinham somente com a imaginação, enquanto a prática social traz o esvaziamento do Eu. Se a vida imaginária tornou-se *reducto* da integridade, não prolonga, mas nega a vida real. Ora, a integridade é abstrusa somente quando a falta dela é a regra; quando a regra é abstrusa.

\*

*O sistema.* — Houve divisão do trabalho, fundada, é claro, na violência. Alguns produzem, outros manipulam e consomem a riqueza.<sup>38</sup> Estes últimos são a população quase exclusiva do

38 Entre os segundos, existem destinos individuais interessantes e variados; absorvem toda a atenção do romance, que assim repete a injustiça inicial; mesmo crítica, a História é dos vencedores. Zola, socialista, quis contar a história dos vencidos. O romance, entretanto, como forma hierárquica, parece resistir, não se presta bem. Surge uma problemática nova, explicada em *Germinal* pelo velho mineiro Maheu: o avô, o pai, os tios e irmãos haviam sido devorados pela mina, como os filhos e

romance. São poucas as cenas em que aparece o mundo do trabalho, sempre esbulhado; suficientes, entretanto, para marcar o parasitismo de toda a esfera dos consumidores, que povoa o livro. Ricos ou pobres, humildes, violentos, têm em comum a expectativa rapinante.

Os ricos, pelo tamanho de suas dívidas, fazem que ressalte melhor a natureza do sistema: com o crédito acaba-se a vida.<sup>39</sup> Este circuito abreviado de crédito e morte social, de ostentação e pobreza, faz do futuro um horizonte catastrófico permanente. A lógica da sociedade competitiva é levada às últimas conseqüências nesta redução à esfera do consumo; ficam excluídos os aspectos cooperativos, que são enganosos, pois embora apareçam com abundância na esfera do trabalho produtivo não se generalizam para a sociedade como todo, deixando que permaneça caótico o movimento geral do sistema.

Separada a esfera da produção da do consumo, não há legitimidade reconhecível na posse e fruição dos bens. Se o conde Maxime de Trailles, que não trabalha, tem um túburi, Rastignac, que trabalha tampouco, pode tê-lo também; poderia, caso tivesse dinheiro. Em regime de mercado não há traço biográfico ou característica pessoal que proíba ou desaconselhe o gozo, — excetuada sempre a falta de dinheiro. Entre o passante e a mercadoria nasce uma relação feroz, que faz dele um ladrão potencial. A qualificação pessoal, desejo, ele a tem; não tem a qualificação legal, a soma a ser paga. Esta, entretanto, é de outro como *poderia ser dele*; a desigualdade não desperta adeção subjetiva, e precisa, portanto, da polícia ou do cofre-forte para se manter. Precisamente o dinheiro é a mais instável e

neios o estavam sendo agora. "Poucos burgueses saberiam dar conta assim exata de sua história". O *Bildungsroman* do mineiro começa e acaba no dia da entrada para a mina. A vida é tão literalmente absorvida pelas condições materiais de trabalho, que na descrição destas esgota-se a dela também. Entre os mineiros, a variação individual não tem importância, pois não estabelece a substância de suas existências. Esta substância é dada maciçamente pelo ambiente material e pelas regras do trabalho. O assunto coloca problemas novos. Demonstra a raiz classista do romance de formação, e questiona o alcance da biografia individual. Se a realidade substancial é coletiva; se o destino comum está inserido nas relações e nos meios de produção, que ditam a forma à vida individual através do trabalho, não há interesse em relatar destinos particulares, — precisamente a particularização é falsa. Essas vidas são intercambiáveis, e devem ser apresentadas como tais. Esmagados sem nuance pela coerção, os sentimentos pessoais — substrato do romance clássico — perdem o sentido. A condição comum parece requerer outra prosa.

<sup>39</sup> Adôlno, op. cit., pág. 25.

furtável das posses. "Se lembramos que são poucos os crimes ou mesmo delitos cometidos por jovens, quanto respeito não merecem esses tantos pacientes, que combatem a si mesmos e são quase sempre bem sucedidos! se fosse bem pintado em sua luta com Paris, o estudante pobre forneceria um dos assuntos mais dramáticos da nossa civilização moderna."<sup>40</sup> Tântalo como figuração da existência em metrópole capitalista: combater até não querer o que se quer e está oferecido a quem queira levar desde que possua o que não conta mas conta mais que tudo. Essa precedência, entanto, do que não conta, do dinheiro sobre a necessidade concreta, é verificada somente *a posteriori*, como impotência do desejo em face da ordem estabelecida, — lição que *não pode*, pois, ser completamente aprendida nem evitada; será repetida ao infinito, como a sede de Tântalo, enquanto a vida não se orientar pelas necessidades individuais.

"O que é *liberdade*? liberdade. Que liberdade? liberdade igual para todos, de fazer, dentro da lei, o que lhes aprouver. Quando é que um homem faz o que lhe apraz? quando tem um milhão. A liberdade dá um milhão a cada um? não. O que é um homem sem um milhão? um homem sem um milhão não faz o que lhe apraz, antes é um homem com quem fazem o que seja mais proveitoso."<sup>41</sup> Compreensivelmente, Rastignac quer pertencer ao grupo dos que tem um milhão. Chegar lá pelo trabalho é penoso, improvável, e *degradante* segundo Vautrin. Como a hierarquia é de poder e ganho, e não de mérito, cada passo adiante é pago com suborno e concessão; para subir é preciso subornar e ser subornado, isto é, incorporar o caráter do sistema. A mesquinhaaria detalhada dessa carreira repugna ao homem de espírito. O mais aconselhável, então, é uma política de *putsch*; vender-se de vez, quando a oportunidade for boa. Também aqui o dinheiro é pré-condição; a sua falta de memória dá viabilidade ao *putschismo* social. Isto dirá respeito às qualidades pessoais do artista: menos que desprezar inclinações em geral, saberá ajustar as suas ao momento, para assim valorizá-las e ser homem com preferências úteis. Todas as vinculações *naturais* de Rastignac, inclusa a família, são mobilizadas. A espontaneidade ajusta-se à demanda. Pondo-se à venda assim inteiro, o arrivista vira mercadoria ele próprio. Estar vestido e disposto segundo à voga é questão de vida ou morte; menciona-se um par de calças bem

<sup>40</sup> Cf. BALZAC, op. cit., pág. 105.

<sup>41</sup> DOSTOIEWSKI, *Winternotes on Summer Impressions*. (Criterion Books, N. York, 1955, pág. 110.)

corradas que teria valido ao dono um casamento milionário. Quando faz suas, em consciência, as regras do sistema, o *putschista* inflige a si mesmo, de golpe, as limitações e falsidades que os outros homens sofrem como lenta imposição da vida. Vem daí a sua força romanesca; explicita o que acontece aos mais. Passa de vítima a compara da violência social. Embora seja sinistra a sua adesão às forças destruidoras do sistema — adotá-las em sua crueldade para não sofrê-las — existe algo de libertador no realismo dessa atitude, que não luta lutas vãs. Na prática do *putschismo* e na consciência que ela implica aparece a verdade sobre as relações de poder e propriedade na sociedade competitiva e antagonica. São ingénuos os pais de Rastignac e o pai Goriot quando pensam prender os filhos através do dinheiro que lhes dão. Na relação com o mercado parisiense a economia provinciana levará sempre a pior, pois é menos ajustada à natureza do dinheiro. A lamentação dos esforços longos e choro oco, de quem guardou dinheiro como se fosse lealdade, e não poder. Rastignac e as moças Goriot, comportando-se *mal*, provam o contrário e a verdade quando gastam em dois tempos a versão monetária do amor de seus pais.

Desarmada, i. é, sem um milhão, a liberdade é vazia. Rastignac resolve armar-se. Escreviza-se por algum tempo, será livre depois. O movimento proposto é o seguinte: para enriquecer despe as fixações que lhe definem a pessoa, e torna-se mercável. Enriquecido, buscará recuperar, já então pela compra, a esfera pessoal. Mercadorias, entretanto, intercambiáveis por definição, não substituem a unicidade qualitativa da vida, — mesmo caras e feitas a mão. O remédio que resta é a grande paixão. Devolveria a individualidade, a memória, o interesse detalhado pelos próprios atos. Embora definida como negação das regras práticas do mercado — dá a sua atração — a paixão não pode, no caso dos arrivistas competentes, contradizê-las frontalmente, pois são a sua base real. Delphine de Nucingen, queixando-se da maledicência de seu antigo amante, exclama: “Meu Deus! não é natural reparar tudo com o ser a que devemos a nossa felicidade? Quando tudo está dado, quem poderia inquietar-se por uma parcela desse todo? O dinheiro só ganha importância quando o sentimento não existe mais”.<sup>43</sup> O dinheiro é o nexo real, que o sentimento oculta. Reaparece nos momentos de crise, e desmente não só as afeições que o encobriam, como também a neutralidade emocional que dizem acompanhar o seu fluxo co-

tidiano; mobilizado o vocabulário dos sentimentos, o significado da luta *impessoal* vem à tona: “Saia, você não é mais nada para mim, eu te odeio, eu te farei todo o mal que puder, eu... A cólera lhe cortara a palavra, sua garganta secava”.<sup>44</sup> São as irmãs Goriot, que se desavieram nas contas.

A vida feminina é o paradigma desse parasitismo competitivo que viemos descrevendo. Embora seja Rastignac a figura de maior relevo no livro, são as mulheres que exprimem mais radicalmente, por sua existência improdutiva mas expectante, o paradoxo do desejo que renuncia, para saciar-se, a ser desejo de um objeto definido; se o dinheiro não dá, mas toma a felicidade, por que o buscam? e se o buscam, por que associá-lo à felicidade pessoal, se está claro que são antagonicos? Com mais generalidade, o que intriga é a subsistência, em meio à equivalência geral, de certas *formas* — dispensados os seus conteúdos particulares — de *particularismo*: os laços familiares, o amor monogâmico. Se todos rifam as suas ligações familiares, como pode Vautrin saber que morto o filho ao barão de Tailleur, este readmitirá a filha renegada e a fará herdeira? Se todos adquirem e trocam amantes por conveniência, como pode Delphine, já experiente, acreditar nas declarações precipitadas que Rastignac lhe faz? “Uma noite, depois de umas micagens e entre dois beijos, você confessa à sua mulher duzentos mil francos de dividas, dizendo-lhe “Meu amor!” Esta comédia é representada diariamente pelos rapazes mais distintos. Uma jovem esposa não recusa a bolsa a quem lhe tomou o coração”.<sup>44</sup> Se isto for de domínio público, e é, como pode alguém dizer “amor” com sucesso? Comprando a posição social e o *Harmon* (a expressão é de Flaubert), o dinheiro mostra que não são forças naturais e invencíveis; orientam-se pelo interesse. Por que desejar então, o que provou não ter substância? O anseio de nobreza é explicável. O título encobre privilégio; tem substância, embora não a declarada. Mais misterioso é o caso do amor: donde a disposição constante de se apaixonar, contra todo juízo melhor? Balzac responde, por vezes, com a natureza humana, que seria assim mesmo. Isso é maneira de dizer nada, fazendo cara experiente. Se o amor fosse natural, seria impossível barganhá-lo por outro menos bonito e mais rendoso. Como seria impossível, também, comprar o azul do sangue se êle tivesse substância própria. Embora não possam mais acreditar na na-

42 Cf. BALZAC, op. cit., pág. 124.

43 Cf. BALZAC, op. cit., pág. 196.  
44 Cf. BALZAC, op. cit., pág. 96.

turalidade da ordem social e das paixões, as personagens afetam crença, criam laços *pseudo-naturais*. Esta nova hierarquia social, estes novos amores, têm uma qualidade cínica antes ausente; há consciência do arbitrio e afirmação de sua ausência. O orgulho de estirpe do *self-made* conde tem algo, já, da fé macabra que uniria alemães e japoneses atrás da bandeira do arianismo. A razão passa a justificar o privilégio, a força bruta, a irracionalidade da ordem existente. A *ficção* da autenticidade, a encenação da espontaneidade e dos laços naturais é um dos temas do livro, e a busca de uma autenticidade defensável é o seu problema intelectual.

Entramos agora em terreno incerto. Embora tenhamos visto como a precedência da competição econômica força à equivalência dos laços qualitativos que ligam e separam os homens — o interesse leva Rastignac à deslealdade por várias vezes — vimos também que estes laços se restabelecem, ainda que a sua espontaneidade seja agora duvidosa. Seria razoável, pois, dizer que em casos concretos o sistema tende a destruir as relações qualitativas, *preferenciais*, sem liquidar, com isso, a noção mesma de relação preferencial. Fôsse orientado pelo gosto, esse renascimento que segue à quebra diria que o elemento qualitativo se restabelece quando o sacrifício exigido não é grande. Mas vimos que o próprio renascimento é muitas vezes interesseiro. Precisamos de uma nova formulação. O sistema, ao destruir as relações qualitativas particulares, não só deixa que subsista o anseio pela relação preferencial e privilegiada, para orientação das tentativas sempre renovadas, *como parece exigir essa fixação particularista*. A equivalência geral, que em sua marcha dissolve todas as formas tradicionais de particularismo e irracionalidade, não alcança a sua última consequência. Fôssem equivalentes *também genericamente* as posições sociais, os amores — eles o são em cada caso particular — não haveria por que preferir *b* a *c*, nem por que lutar por ele com exclusão dos mais. Embora faça equivalente esta ou aquela vinculação irracional e particularista, a competição individualista exige também, para continuar competição e individualista, que não deixem de existir vinculações irracionais e particularistas — *i. é, nexos cuja subsistência está na exclusividade com relação aos outros e na limitação quanto ao próprio eu*. A irracionalidade do todo social antagonístico, em que os homens não aproveitam uns aos outros, mas uns dos outros, parece ter por correlato a irracionalidade na esfera pessoal mais estrita; o eixo da experiência será a exclusividade, *com seu corolário de autolimitação e mutilação*; para-

digmas são a propriedade privada e o amor burguês. A existência aparece como um agarramento monstruoso e irracional à vida, pois a sua justificativa mais radical, dar e receber prazer, não lhe orienta o curso.

Se é correta, a nossa especulação deve encontrar a sua prova nas cenas de grandeza humana,<sup>45</sup> para que sobressaíam, é preciso que a personagem nelas se defina por um modo novo, que negue de maneira fundamental o modo irracional que vimos descrevendo. Nelas pode-se procurar o esboço de uma superação.

A viscondessa de Beauséant e Laure de Rastignac foram nosso exemplo de grandeza. A primeira, pelo "despotismo de sua paixão" não faz conta do que pensam dela, deixando que Rastignac, um estranho, participe de sua dificuldade; assim, exposta, torna-se grande. Laure, pela força de sua imaginação, vive e ama as aventuras de Eugène como se fossem dela; assim, *desprovida e plena*, torna-se grande. Nas duas passagens aparece um novo espaço social, *cujas regras não é a exclusividade*: nele, o ganho de uma pessoa não é perda de outra. Há uma espécie de delegação e portanto extensão do eu, tal que a generosidade não significa abdicção, mas enriquecimento. Este espaço dá grandeza pela maneira mais simples, pela reverberação ampliada que nele os atos têm. Se a experiência de um vale para muitos, tem o seu peso acrescido. Os atos de um rei pesam, pois muitos dependem dele; o peso é opressivo. Os atos que estamos descrevendo pesam, porque pessoas se reconhecem neles — o peso é libertador, pois não *impõe* a comunidade, que emerge espontânea, como revelação de possibilidades desconhecidas. Daí a emoção que acompanha estas cenas.

O exemplo mais espantoso é dado pelo pai Goriot, quando instala Rastignac numa *garçonnière* elegante para fazer a felicidade extramatrimonial de sua filha Delphine. À primeira leitura a cena é de mau-gosto, o que mostra apenas quanto o nosso gosto é conformista. Goriot contraria tudo o que se espera de um pai. Explica: "Se ela não queria é porque tinha medo que falassem mal, como se a opinião do mundo valesse a felicidade. Mas todas as mulheres sonham fazer o que ela faz..."<sup>46</sup> Por ter adotado visceralmente o ponto de vista de Delphine, por

<sup>45</sup> Deixaremos de lado, aqui, a opinião do próprio BALZAC, que chama sublimes a feitos que, nos termos de seu romance, não passam de sentimentais. É preciso partir de cenas em que a grandeza convença por seu próprio peso, e não pelo dos adjetivos que merecem de Balzac. Cf. BALZAC, op. cit., pág. 175.

ter feito suas as experiências dela, Goriot dispensa a noção convencional de felicidade, conveniente a um pai, em favor de uma noção física e concreta: chama a atenção de Rastignac para a beleza da pele e das covinhas de sua filha, e vê com gosto a beleza do porte de Eugène, pensando no prazer que fará a Delphine. Em imaginação possui os dois, um através do outro. O eixo de sua maneira de viver, de sua experiência, é a participação e não a exclusividade. A sua imaginação é concreta ao extremo, vive em detalhe a vida de suas filhas. Dai uma sensação curiosa que nos vem à leitura: devido à participação imaginária de que Goriot é capaz, a felicidade e a infelicidade das filhas têm para ele valor igual, a despeito de seus brados contra a má fortuna; há gozo na experiência imaginária da paixão como do sofrimento. Dissemos antes que para o com-vívio baseado em participação, e não em antagonismo, o ganho de um não é a perda do outro. É possível acrescentar: *e a perda de um é ganho intelectual e emocional, mas não material, para os outros.* A viscondessa luta pelo seu marquês, e Rastignac aprende com ver. Quando a infelicidade não é cristalizada por interesses materiais, a sua força destrutiva não ultrapassa o sofrimento concreto nem sobrevive a ele, ela é passageira; não é definitiva. No contexto da vida partilhada, como é esboçada nas grandes figuras de Laure, da viscondessa, e principalmente do pai Goriot, o temor do sofrimento perde o sentido: dor e felicidade andam misturadas, e são parte uma da outra. Mesmo esporádicas e de alento curto, as tentativas de abandonar a organização antagonista da vida fazem entrever uma forma de existência na qual tudo é valioso.

A lógica de Balzac é implacável. A vida orientada pelo antagonismo dos interesses materiais esvazia a personalidade; para visualizar grandeza verdadeira, Balzac cria personagens que pratiquem a máxima socialista, fazendo absolutas, ao menos em âmbito restrito, as necessidades e possibilidades individuais, sem consideração das regras da propriedade privada; a força de tais cenas já foi analisada. A mesma lógica, entretanto, destina à destruição estas personagens que não se submetem ao *non-sense* da vida antagonista. O seu despreendimento é sua fraqueza, só lhes resta sucumbir. Perdem tudo, e quem não tem não é. Ainda aqui a ficção de Balzac é rija: não é das virtudes pessoais que virão melhores. As personagens generosas não modificam o mundo, que entretanto é caracterizado pela fatalidade com que elas caem. A beleza desta destruição da beleza percorre o livro. Se a destruição é bela, não é que destruições sejam belas;

é verdadeira, e ressalta contra a qualidade mentirosa que a subsistência tenha. Fosse livre o cotidiano, e a destruição seria penosa, perda substancial. Só é bela quando se opõe a outra forma de destruição, que não se reconhece como tal; quando subsistir é mentir. Paradoxalmente, a tenacidade cega deste mecanismo é experimentada como esperança: a mesma fatalidade que não deixa subsistir a generosidade em face do mercado faz que ela se reproduza e ele coma a si mesmo.

(1963)